

ARANHA MOVEDIÇA



Aranha Movediça

Moacir Fio



*Set in your monotony
I'll desecrate commodities
Make you all into paste
All your rancid blood I'll taste
We're kids on a rampage
Ready to kill
Wild and teenage
Tryna get our fill
Blades will slash
Blood will spill
Your talk of tomorrow
Is nothing but trash*

“Survive”, The Bags



1.

A PELE CADA VEZ MAIS RÉPTIL, de riscas próximas feito escamas, e ela se vendo transformada nos sacos mortos que as lagartixas deixam para trás, roupa velha de uma outra recém-nascida, despida de toda imundície, suja só de interiores. Pele de parto, ela pensa, tocando os cortes mais antigos, pele de restos, pele de rastros, da piçarra nas estradas para Cococi, das estrias no piso de concreto da cozinha, dos muros do Muquifo, das rugas do rosto de seu pai quando a chama de puta, duma coisa qualquer de barro e pedra. Lembra-se da revistinha que João lhe mostrou, com o super-herói coberto de rochas para lutar. Busca o caderno oculto no estrado da cama, anota CICATRIZ DE ARMADURA, e conclui: isso pode virar música. Depois, risca várias vezes cada palavra até o excesso de tinta atravessar o papel, como faz sempre que gosta de algo, mas desconfia ser idiota, e volta a planejar sua fuga.

Março de 1983.

Podcast Em Busca do Lixo, Episódio 1: O mato e o fogo

*[Passos sobre mato seco. Respiração ofegante.
Ao fundo, o ruído do tráfego.]*

Alessandra Moretti: Na zona oeste de Fortaleza, num bairro tradicional cujo nome homenageia a maior batalha brasileira na Segunda Guerra, há um açude, duas praças, 15.000 moradores e um mistério do qual pouca gente se lembra, mas que tem localização... com rua, número e CEP.

É manhã de quinta-feira e estou metida num matagal que me cobre até os joelhos, no único terreno baldio do bairro Monte Castelo. À minha esquerda, um menino me observa de uma varanda num pequeno prédio pintado em rosa-bebê. Logo em frente, se forma uma fila de trabalhadoras na calçada de uma confecção. Daqui, posso ver a megaloja de uma rede de supermercados e, cinco quadras adiante, a Igreja do Senhor do Bonfim, que no próximo mês completa 67 anos de existência.

A Rua Padre Anchieta é movimentada, e as pessoas param em frente aos muros derrubados para espiar o que estou fazendo. É estranho esse vazio no meio da vida corrida do Monte Castelo. Mais estranha deve ser a minha presença.

Procuro restos de construção, tomando cuidado onde piso, e encontro alguns tijolos escurecidos pelo fogo na área onde o

mato dá trégua. Junto dos entulhos, há vestígios de vida ou quase isso: guimbas de cigarro, cachimbos, roupas sujas, camisinhas, enfim, dejetos de quem usa o terreno baldio como banheiro. Ou lixeira, o que, ironicamente, faz muito sentido. O fedor me deixa enjoada e o suor grudando a roupa na minha pele também não ajuda. Faz tanto calor que nem os insetos se arriscam a me rodear.

Dona Selma: Olhe, minha filha, tenha cuidado, que isso aí é ponto de uso de droga, viu? Eles num gostam que ninguém mexa aí.

A simpática senhora que interrompe o passeio com seu poodle para me fazer esse alerta é Dona Selma Antunes de Castro. Por trás dos óculos, ela não disfarça a curiosidade. Mora na rua paralela há mais de 50 anos e nunca viu uma única placa de venda neste terreno. Quanto será que vale um metro quadrado livre numa região assim lotada de construções?

O Monte Castelo é um dos bairros mais antigos da capital cearense. Começou ao redor do açude João Lopes, que, por muito tempo, batizou a comunidade erguida em suas margens. Em 1945, quando a Segunda Guerra Mundial chegava ao fim, o então prefeito Raimundo Alencar Araripe oficializou a criação do bairro. A escolha do nome foi uma homenagem à vitória brasileira na famosa Batalha de Monte Castello, no norte da Itália. A principal avenida homenageia um cearense morto nessa batalha, o Sargento Hermínio Aurélio Sampaio, cujo regimento se lançou contra tropas nazistas entrincheiradas na neve. Mas poucos moradores estão familiarizados com essas glórias. Os mais antigos, como Dona Selma, costumam se lembrar de outras coisas, boas recordações, como o extinto Clube do Internacional, na Praça Redonda, onde ocorriam festas juninas e apresentações de nomes fortes da Jovem Guarda, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Martinha. Outras memórias são menos reluzentes. Por exemplo, entre os anos 40 e 50, residia em Monte Castelo

o primeiro crematório de resíduos de Fortaleza, que deixava o bairro inteiro com odor de lixo e cinzas.

A relação entre fogo e lixo me faz pensar.

Dona Selma: Eu acho que esse terreno aí é marmota da prefeitura. Me contaram também que a família do dono briga desde os anos 70, um engodo danado... O Seu Célio diz que tinha uns vagabundo que moravam aí. Isso antes, faz tempo. Parece que teve morte. Mataram um ou mais, num sei direito.

Gentil, Dona Selma me apresenta Seu Célio, o porteiro diurno do prédio cor-de-rosa. Jucélio Almeida Batista arrumou o emprego há pouco mais de seis meses. Antes, foi pintor e até guardador de carros. Comemora o trabalho de carteira assinada, especialmente por ser tão perto de casa. Mora no bairro, próximo ao açude, onde pescava e tomava banho quando criança. Ele conta que terrenos baldios como este eram comuns no passado, quando quase tudo era mato, com poucas casas construídas e distantes umas das outras, feito uma cidadezinha do interior.

Jucélio Almeida: O que eu sei é que foram levantando as moradia e sobrou esse terreno aí, que ninguém nunca soube de dono. Deve ser algum rolo, né. Aí chegaram uns malaca e construíram um barraco véi e ficaram dormindo, morando mesmo.

Alessandra Moretti: Isso quando?

Jucélio Almeida: Foi já nos anos 80 que apareceu esses cara, um povo metido com coisa de gangueiro, com assalto, safadeza... Sei que teve confusão grande, morte e tudo. Se você pegar ali nos canto, bem acolá, ó, dá pra ver uns queimado. Foi porque tacaram fogo aí. Eu posso ir lá contigo te amostrar.

Alessandra Moretti: Eu vi as marcas nos tijolos.

Jucélio Almeida: Num tem nada agora porque o povo foi roubando as coisa. O muro, né, o portão que tinha,

foi tudo carregado embora, que ladrão nessa cidade dá que nem piolho.

Alessandra Moretti: Então foi briga de gangue?

Jucélio Almeida: Coisa feia. Dizem, né.

Alessandra Moretti: O senhor sabe há quanto tempo que tá desse jeito?

Jucélio Almeida: Assim estiorado? Olhe... Isso é coisa dos antigamente. É como eu disse, aqui era cheio desses terreno de ninguém, depois é que foi ficar tudo ocupado. Agora esse negócio aí da gangue, isso foi já nos anos 80. No final dos anos 80.

Alessandra Moretti: Então o senhor se lembra de quando essas pessoas ocuparam?

Jucélio Almeida: Ah, lembro, lembro. Eu devia ter uns 17 pra 18 ano. De vez em quando eu passava aqui em frente pra ir jogar bola lá perto da praça com o Bangu, que era o timezinho que a gente tinha na época. Eu nem gostava de andar sozinho porque era bem na época do Opala preto, né.

Alessandra Moretti: Opala preto?

Jucélio Almeida: Dizia que um Opala preto passava e pegava os menino pra tirar os órgão pra vender. Aí eu já andava meio cabreiro, né, aí passava aqui na rua e via só a esculhambação desses gangueiro em frente do terreno. Imagine aí.

Alessandra Moretti: E depois nunca veio ninguém pra construir ou pra vender?

Jucélio Almeida: Nada! Rapaz, isso aí é... Como é que se diz? Ficou uma coisa ruim, como o povo fala. Por isso que é desse jeito, que ninguém se anima de vir atrás. Tá esquecido.

Alessandra Moretti: Coisa ruim tipo maldição?

Jucélio Almeida: Num sei disso de maldição, não, mas assim, o rapazinho que fica aqui na guarita de noite, ele tem dias que sofre, viu. Ah, de passar mal, né. O povo aí do prédio também reclama que só, diz que tem visagem, essas coisa. Eu, por mim, num sou de me impressionar com isso de

fantasma. Os barulho de noite é dos maloqueiro que entram aí pra usar crack, pra fumar maconha, fazer essas... Né? Mas que tem uma coisa ruim aí, tem.

Alessandra Moretti: E o senhor não trabalha aqui à noite?

Jucélio Almeida: Deus me livre.

[Som de vento empurrando folhas, um rangido de portão.]

Passo o resto da tarde conversando com moradores, com as funcionárias da confecção, com gente que, ao ver o gravador, se dispõe a falar. Assim como Dona Selma e Jucélio, todo mundo tem uma explicação para essa curiosa situação do terreno. Burocracia, briga de herança, maldição. São muitas histórias, com um único ponto em comum: alguém morreu, não se sabe quem.

Eu, que faço o papel de forasteira, tenho a resposta: neste retângulo abandonado bem no miolo do bairro Monte Castelo, em 27 de abril de 1987, morreu o maior nome do punk cearense, Jota do Lixo, do qual nenhum vizinho do terreno se recorda.

Olá. Eu sou Alessandra Moretti e convido você a se juntar numa busca. A partir de agora, estamos *Em Busca do Lixo*.

[Vinheta de apresentação do programa.]

Em Busca do Lixo é uma série documental produzida pela CBR em formato podcast. Se você ouviu as temporadas anteriores, sabe que investigamos figuras cujos rastros marcaram de algum modo pessoas e lugares.

Desde o ano passado, venho pesquisando sobre João Valdenir da Silva Barbosa, o Jota do Lixo. Tudo começa num festival punk na quadra do sindicato dos bancários, no centro de São Paulo. O vocalista da *Cabeça Sideral*, Hector Limão, grita no microfone uma frase que me deixa intrigada: *O mundo só vai mudar quando a gente rasgar todos os sacos de lixo*. Atribui a fala a Jota do Lixo, que ele define como um pioneiro do punk. Depois do show,

pergunto pro Hector quem era esse tal Jota. Além da frase, que ele ouviu através de amigos, Hector sabe apenas que Jota do Lixo foi uma espécie de mentor do movimento punk de Fortaleza. E só.

Procuro em arquivos de amigos, em fanzines antigos, em blogs que sobraram de um tempo antes das redes sociais. Acho quase nada. Alguns apontavam que Jota havia sido um agitador, um poeta e ideólogo que nunca chegou a se apresentar com a banda que fundara, a *Partido Contra*, precursora do hardcore no Ceará. A maior parte dos textos repetia que ele *incendiou* Fortaleza, o que entendi ser uma expressão tanto figurada quanto literal, pois Jota do Lixo viria a morrer, com apenas 19 anos, num incêndio criminoso nunca esclarecido.

Então, percebo que, ou a lenda é maior que a realidade, ou a realidade foi sendo engolida pela lenda. Quem foi Jota do Lixo? Como, exatamente, ele morreu? Para reconstruir uma narrativa que nos ajude a responder essas perguntas, só resta ir direto às fontes.

[Som de entrada em chamada de vídeo.]

Antes de viajar para Fortaleza, entrevisto algumas pessoas que conviveram com Jota. O primeiro é Marimbondo, apelido de Mauro Celso Ribeiro, vizinho de Jota e um de seus amigos mais próximos. No alto de seus 60 anos, Marimbondo mantém o cabelo comprido e ainda segue na ativa com sua banda, a *Catraca Vitrus*.

Marimbondo: É, a gente cresceu junto. Minha casa era parede-meia com a dele. Aí viramo punk meio que ao mesmo tempo, né. A gente era punk raiz mesmo, que a nossa turma num tinha onde tocar, tudo lascado, sem ter onde cair morto. Mas o João é que tinha um negócio assim nele. Era um cara muito massa mesmo. Doido, viu, o cara mais louco que eu já conheci, e o cara mais amigo, também, chapa mesmo. Fazia

reunião com a gente, juntava a galera e aí gritava, brigava lá pro pessoal fazer as coisa. Depois vinha falar no particular na maior maciez do mundo. Tinha uma inteligência, num era o estudo, num tinha estudado essas coisas tudo não, mas o que ele tinha de noção das coisa... Num sabia tocar porra nenhuma, até arranhava na bateria, mas num fazia impeim de aprender. Agora botava os outro pra tocar. Eu comecei no baixo de tanto que ele me aperreou. O Pau-de-Gato, o Carlito, primo dele, pra você ver, até a guitarra foi o João que arrumou num sei de onde. Tanto que, assim, sem ele, né, sem o João, né, num tinha a *Partido Contra*, nem a *Catraca*, e acho que nenhuma das outras banda que vieram depois. Foi ele que foi arrastando o povo pra dentro do movimento. João que fazia acontecer, era tudo ele, que falava assim, ah, bora fazer show em qualquer canto, num tem essa de pedir permissão, não. E fazia, viu? Pense. A gente invadiu uma vez a faculdade de filosofia e botou as caixa de som e fez foi um festival lá. Aí sei que depois a polícia chegou, menino, e desceu foi o cacete.

Alessandra Moretti: A polícia perseguia vocês.

Marimbondo: Ora, se não! O flagrante pra polícia era ser punk. Naquela época era difícil demais. Teve a vez que tava eu, ele e o Pau-de-Gato no ponto de ônibus, quando chegou a viatura. Aí o policial mandou a gente encostar, né, chamando a gente de vagabundo. O João respondeu: “Não, a gente é punk”. Aí o policial achou foi graça e tascou um murro na cara do João. “Tu é o quê, mesmo?” E o João: “Punk!”. Pá, outro murro. “Tu é o quê?” “Punk!” “Tu é o quê?” “Punk!” Foi nisso que ele perdeu os dente da frente. Ficou banguelo dizendo que era punk. Liberaram a gente, mas levaram ele pra delegacia. Só no dia seguinte, quando teve a troca do plantão, o delegado lá, com preguiça, mandou tirar o lixo da cela. Falou desse jeito: “Tira esse lixo da minha delegacia”. Aí por isso que o João ficou sendo pra turma o João do Lixo.

Alessandra Moretti: Não era Jota do Lixo?

Marimbondo: Ah, isso foi depois, quando ele começou a querer ser chamado de Jota e num sei o que mais. Só que a gente cresceu junto, né, então eu conhecia ele como João mesmo. Mas como eu tava lhe dizendo, essas perseguição é que depois foram fazendo a gente querer ficar mais lá pelo Muquifo, né.

O Muquifo era o ponto de encontro desses primeiros punks de Fortaleza, um barraco com paredes improvisadas de tijolo, papelão e madeira, coberto de lona. Lá, as bandas podiam ensaiar e os punks tinham onde dormir. Segundo Marimbondo, ficava no Monte Castelo, na Rua Padre Anchieta.

Hoje, é um terreno baldio.

Marimbondo: O Muquifo era massa demais. Quem achou lá foi a Maca, que nessa época já andava com o João, mas num era tão chegada ainda no resto do pessoal. Ela dormia numa barraquinha, né, que ela saiu foi cedo de casa, fugida, acho que com coisa de 12 ano. Criança, né. Ela arrumou dinheiro pros tijolo e pras coisa porque ficava rodando pelas discoteca vendendo aranha. Aí numa dessa trombou com o João e ficaram unha e carne eles dois. Era o João do Lixo e a Maca da Aranha. Boa, né?

Aranha é uma gíria para triexifenidil, remédio de uso controlado comercializado como Artane, usado no tratamento de descontrole motor. Também causa euforia, agitação e delírios. É muito usado como entorpecente.

Alessandra Moretti: Quem conseguiu o Muquifo foi a Maca?

Marimbondo: Acho que foi uma amiga dela que deu o toque que tinha o terreno lá no Monte Castelo, Ferrosa, o nome dessa amiga, porque antes a Maca andava dormindo pela Praça do Ferreira, coitada. Bom, sei que a Maca ficou morando no Muquifo porque era um lugar abandonado, aí

a gente foi ocupando e aumentando depois, fazendo o barracão e tal. Isso por volta de 85, acho. Quando montaram a *Partido Contra*, o Euclides levou a bateria dele pra lá. Mas quem encheu de coisa foi o João, os pôster, o toca-discos que Didi deu pra ele e tudo mais. Tinha até um baú que o João trouxe lá da viagem que ele fez pro interior, uma caixona de madeira que num tinha tamanho. Ele usava pra guardar os cacareco dele, acho, porque também ninguém sabia o que tinha lá dentro, que era um ciúme medonho que ele tinha dessa caixa. A galera falava brincando que era o caixão do Nhewó.

Alessandra Moretti: Neuó era...

Marimbondo: Não, fala Nhe-wó.

Alessandra Moretti: O Nhewó que se tornou depois o guitarrista da *Partido Contra*.

Marimbondo: A Maca tirou o coitado do Pau-de-Gato da guitarra e botou esse maluco.

Alessandra Moretti: Foi a Maca quem apresentou o Nhewó a vocês?

Marimbondo: A Maca fazia era tudo.

Em todas as entrevistas que fiz, ficou claro que Jota e Maca eram inseparáveis. A menina é lembrada por quem conviveu com ela como uma força da natureza, apesar da pouca idade. Teria sido por causa de Maca que Jota convenceu amigos a formarem uma banda, a *Partido Contra*, com ela nos vocais. Não dá para decifrar o mistério ao redor de Jota e dos punks do Muquifo sem entender Maca.

Imaginei que seria muito difícil encontrá-la, se estivesse viva, mas Marimbondo tem o seu endereço e me passa logo no primeiro pedido. Só há um problema: Marusca Andrade, a Maca, está catatônica desde 1987. Desde a noite em que morreu Jota do Lixo.

[*Som de avião decolando.*]

Quando chego ao hotel em Fortaleza, nem sequer desfaço as malas. Estou ansiosa e, por algum motivo, sinto que minha busca deve começar o quanto antes. E deve ser por Maca. Mesmo que ela não possa me falar nada diretamente, aprendi há muito tempo que nem toda verdade se conta por palavras.

[Vozes indistintas e som de trânsito. Batida de porta de carro.]

Alessandra Moretti: O senhor sabe se esse endereço fica longe?

Motorista: Não, isso é ali no Benfica, bem pertinho.

O Benfica é o bairro dos boêmios e universitários da cidade, mas também um lugar de ruas tranquilas e casas antigas. O carro do aplicativo para em frente a uma dessas residências, espaçosa embora envelhecida, com a fachada amarela coberta de pichações e um portão branco. Toco a campainha algumas vezes. Sou recebida por um senhor idoso, que me olha com a expressão de quem já não se espanta com nada. Me apresento, explico que vim de São Paulo, que sou jornalista e que estou produzindo uma reportagem sobre os punks de Fortaleza.

Ele me deixa entrar. Seu Antônio Andrade é o pai de Maca. Por mais que não pareça incomodado comigo nem com as perguntas que lhe faço, me sinto uma intrusa em sua casa.

[Som de passos.]

Alessandra Moretti: Não tem mesmo problema?

Antônio Andrade: Num es quente a cabeça, não. Já veio foi muito jornalista aqui perguntar dessa história de punk, só não de São Paulo, claro. Mas num espere muita coisa, que a Marusca num pode falar e a gente num tem conhecimento da vida que ela levava nessa época.

Alessandra Moretti: Faz tempo, né?

Antônio Andrade: Ela tinha só 17 ano quando ficou desse jeito.

Seu Antônio me leva até o quarto da filha. O cômodo tem janelas fechadas e apenas uma fresta de luz atravessa a cortina. Encontro Marusca deitada numa cama hospitalar com grades laterais, repleta de lençóis, travesseiros e almofadas. Os braços estão repousados sobre o corpo. Há uma bolsa de soro pendurada num suporte de ferro ao seu lado. Reparo nos cabelos grisalhos e na pele fina, e faço as contas: ela tem 54 anos. Como seria a sua aparência nos anos 80, quando subia em palcos improvisados para berrar letras de protesto?

Uma espécie de descompasso toma conta de mim. Sinto como se as memórias que colhi até agora se chocassem com a realidade devastada de Maca. Pergunto a Seu Antônio se sabe o que houve de fato naquela noite, mas ele não consegue responder.

Apenas balança a cabeça e chama pela esposa.

[Transição sonora. Som de passos no mato seco.]

Jucélio, o solícito porteiro do prédio cor-de-rosa, deixa a guarita para me ajudar a entender o que aconteceu no terreno baldio, mesmo não sabendo o nome de nenhum dos envolvidos naquilo que ele chama de briga de gangues.

Jucélio Almeida: Ó, nessa parte aqui é que ficava o barraco. Você veja que bem acolá num cresce nem mato.

Alessandra Moretti: Botaram fogo durante a noite?

Jucélio Almeida: Diz que foi. Encheram de gasolina e taceram fogo. A sorte é que num tinha muito deles, não. Porque às vezes ficava lotado desses maconheiro, viu, ficava aí na rua, a maior esculhambação. Mas é como eu disse, tinha só um, que morreu aí dentro.

Alessandra Moretti: Ele estava sozinho, então.

Jucélio Almeida: Rapaz, o que eu sei é que acharam só o corpo dele aí no meio, todo tostado, como se diz. Ele e um gato, que teve isso, acharam também o pobre dum gato queimado.

Sim, e a menina na calçada, mas ela tava viva, a menina. Acharam ela sentadinha, assim, toda desnorreada de droga.

A menina na calçada era Maca. Penso em como ela devia estar, depois de passar cinco anos fora de casa, toda a adolescência morando na rua ou em barracos como o Muquifo. Naquele momento, tinha perdido tudo.

Assim como esse pedaço de chão abandonado, Maca também nunca conseguiu se recuperar.

[Transição sonora.]

No próximo episódio de *Em Busca do Lixo*:

Euclides Almeida: Ah, cara, o João era maluco, mas um maluco que dialogava com a galera, assim. Aquela coisa, né, porra, que que adianta a gente ficar brigando se somo tudo marginal, entendeu? Marginal pra sociedade burguesa e tal. É isso que o sistema quer pra gente. Num sei onde que ele aprendia essas coisa, mas o bicho sabia falar, tinha noção de tudo, tinha conhecimento de movimento, né, dos movimentos sociais, dos grupo de anarquista. Ele começou toda uma politização, digamos assim, da cena, né, da cena na época. Acho que, por conta dele, Fortaleza era uma das poucas capitais onde você via punk trocando ideia com headbanger, que trocava ideia com hippie, e com a velha guarda, e por aí ia.

Em Busca do Lixo é um podcast da Central Brasileira de Rádio, CBR. Eu sou Alessandra Moretti, apresentadora e roteirista. A produção é de Walter Cisne, com edição de Orlando Faria e checagem de fatos por Vanessa Carmo. A música foi composta por Rodney Ruas. Para ver fotografias, mapas, documentos e muito mais, acesse cbr.com/embusca. Você também pode seguir o podcast nas plataformas de streaming de áudio e deixar seus comentários e sugestões em nossas redes.

Até semana que vem.